



ISSN 2179-4529 – ANAIS DO 4º SIMPÓSIO DE CIBERJORNALISMO

HIPERTEXTO, LEITURA E SENTIDO

Ana Carolina da Silva Monteiro

Resumo: Este artigo trata de conceitos, características e processos midiáticos que envolvem o Hipertexto, modalidade textual da web. O artigo coloca em debate as seguintes questões: se o hipertexto é um “texto aberto”, o leitor se deparará com inúmeras possibilidades de leitura e construção de sentido. Por onde começar? Como prosseguir após a determinação de um início? Quando finalizar o texto, se a proposta do hipertexto é que o leitor “salte” de texto em texto? São perguntas que cabem ao leitor responder, no momento em que se encontra no labiríntico universo hipermidiático. O artigo, primeiramente, apresenta ao leitor o processo histórico de hipertexto e hipermídia, a partir de uma analogia com a narrativa mítica do labirinto do Minotauro, e relaciona as ideias apresentadas à prática da navegação pelo ciberespaço em nossos dias. Num segundo momento, a proposta torna-se mais específica, pois discorre sobre a relação dos conceitos de hipernarrativa, na visão do estudioso das novas mídias Lev Manovich, com o conceito hipertexto. Num terceiro e último momento debate-se a Linguagem e a estrutura hipertextual, com exemplos ilustrativos e referências bibliográficas que embasam a pesquisa documental do artigo.

Palavras-chave: Hipertexto. Leitura. Hipernarrativa. Escrita. Linguagem da mídia.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





1

1 INTRODUÇÃO

A forma de produção de informações através da união entre um termo, por exemplo, e seu significado, não surge no século XX, com os hipertextos computadorizados. Na verdade, pode-se pensar nas indicações de verbetes de enciclopédias, dos dicionários, nas notas de rodapé, nos sumários, capítulos, páginas numeradas, referências bibliográficas, referências cruzadas, como possibilidades de realizar ligações e sentidos, capazes de conduzir o leitor a uma busca por mais informações sobre um tema, e mesmo à sua própria decisão sobre prosseguir ou não com aquela busca.

Desta forma, o leitor está exercendo o que se considera como algumas das características principais dos hipertextos que servem, hoje, para estruturar as informações na Internet, ou em alguns produtos que usam hipermídia: a não linearidade e a interatividade. Embora as duas formas citadas - relação entre verbetes e acesso a notas de rodapé - contenham na sua concepção o acesso à não linearidade do conteúdo e o apelo à interação do leitor, será através dos chamados hipertextos atuais, mediados pelo computador, que ambas as características vão cumprir com o que realmente prometem à mente curiosa e operativa dos humanos, ao se associar à instantaneidade, à magia do acesso ao conteúdo conectado a um simples apertar de botão, ou a um simples clique de mouse, como este ato ficou conhecido no jargão da cultura contemporânea, completamente marcada pela comunicação virtual.

¹ Jornalista graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, no ano de 2000, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Mestranda em Comunicação, pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS. Atualmente revisora de textos no jornal local Correio do Estado de Mato Grosso do Sul.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Foi somente com a Internet (1991), o meio natural para a sua constituição, que o hipertexto constituiu-se como um “texto aberto” ou um “texto múltiplo”, caracterizado pelos princípios da não linearidade, interatividade, multicentramento e virtualidade.

Na linguagem hipertextual, um link pode levar – instantaneamente não apenas a outra informação (texto, imagem, infográfico, etc.), mas a outro rumo que poderá determinar a continuidade ou não do raciocínio iniciado, ou, o que acontece com frequência, instigar a curiosidade do navegador por informações diferentes daquelas que mobilizaram sua busca inicial. Caberá ao emissário/usuário/leitor/internauta - e não apenas ao seu autor/emissor - a responsabilidade pela construção de outras conexões e, em função disso, outras leituras, outros nexos, além daqueles que foram pensados e propostos pelo organizador da informação, isso sem cogitar-se no acaso, muitas vezes também planejado, das conexões criadas por softwares de busca em redes internas e na própria Internet.

Os hipertextos computadorizados, enquanto estruturas não lineares e interativas, as quais permitem uma construção de redes de conexões e sentidos, passaram à história da comunicação na segunda metade do Século XX.

O termo hipertexto foi introduzido no mundo tecnológico, em 1945 por Vannevar Bush (matemático e físico americano), que publicou o artigo “As We May Think” e segundo o qual a mente humana funciona através de associações, “ela pula de uma representação para outra ao longo de uma rede intrincada, desenha trilhas que se bifurcam, tece uma trama infinitamente mais complicada do que os bancos de dados de hoje ou os sistemas de informação de fichas perfuradas existentes em 1945”. O conceito hipertexto foi criado para um dispositivo de classificação e seleção de informações chamado MEMEX, uma máquina anterior ao computador.

Para lidar com a quantidade de informações que já se avolumava e deveria aumentar com essa documentação científica, Bush pensava que devia ser substituído o sistema de indexações de informações e publicações por números ou ordem alfabética. Ele justificava:



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





A mente humana não funciona dessa maneira. Opera por associação. Com um item ao seu alcance, acessa intensamente ao próximo que é sugerido pela associação de pensamentos, de acordo com alguma intrincada rede de pistas deixadas pelas células do cérebro. Tem outra característica, com certeza: as pistas que não são frequentemente seguidas têm propensão para perder importância, os itens não são completamente permanentes, a memória é transitória. (Vannevar Bush, 1945)

Cerca de duas décadas mais tarde, outro norte-americano igualmente visionário iria cunhar o termo hipertexto, dedicado à época a designar uma estrutura que deveria suportar um sistema de gerenciamento de informações textuais interconectadas em rede, representando, segundo seu criador, Theodor (Ted) Nelson, de forma clara e correta, o mundo das ideias e suas conexões. O projeto que chamou-se *Xanadu* foi duramente criticado à época de seu desenvolvimento e não influenciou diretamente no chamado *mainstream* do desenvolvimento da engenharia de softwares, segundo seu criador, por ter sido mal-compreendido, e/ou, talvez, por falta de um bom relações públicas, também segundo Nelson.

Em meados dos anos 60, Teodore Nelson sugeriu que milhões de pessoas poderiam utilizar o sistema *XANADU* (criado por ele), para escrever, se interconectar, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis na rede, anotar os comentários, etc. *Xanadu*, enquanto horizonte ideal ou absoluto do hipertexto, seria uma espécie de materialização do diálogo incessante e múltiplo que a humanidade mantém consigo mesma e com seu passado.

Teodore Nelson inventou o termo hipertexto para exprimir a ideia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática. Desde então, Nelson persegue o sonho de uma imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo, uma espécie de Biblioteca de Alexandria de nossos dias. Algo semelhante temos hoje com o sistema Wiki, que deu origem ao site Wikipédia, enciclopédia eletrônica de nossos dias.

Complementando as concepções, de Bush e de Nelson, que compõem a contextualização histórica, à viabilização e à reflexão sobre a presença dos hipertextos na cultura



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





contemporânea, acrescenta-se a contribuição de outro norte-americano, Doug Engelbart, o qual, em 1968, influenciou concretamente na concepção e na realização dos hipertextos computadorizados. Sua preocupação centrava-se na possibilidade de aumentar as potencialidades do intelecto humano, alargando os horizontes da possibilidade mental de construção do conhecimento. A viabilização e a realização propriamente ditas dos hipertextos também foi alterada por Engelbart, porque ele criou instrumentos capazes de intermediar de forma eficiente a relação entre o homem (o produtor dos hipertextos) e a máquina (o computador, ferramenta que possibilita o gerenciamento instantâneo das ligações das informações, sejam elas em texto, som, imagem ou outras).

No final da década de 60, Douglas Engelbart desenvolveu no projeto *Augment* uma série de inovações tecnológicas para auxiliar o homem nas diversas operações mentais. Dentre as inovações estão o processador de texto, a utilização de redes, a interface de janelas (windows) e o *mouse*, este último representou uma verdadeira revolução na interação homem-máquina. Essas inovações abriram caminho para a realidade virtual (RV).

“As idéias não precisam ser separadas nunca mais (...) Assim, eu defino o termo **hipertexto** simplesmente como escritas associadas não seqüenciais, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leitura em diferentes direções.” (Nelson, 1992:161)

Hoje, o hipertexto retoma e transforma antigas interfaces da escrita, toma emprestado traços de várias outras mídias e se constitui numa rede original de interfaces.

Algumas particularidades do hipertexto (seu aspecto dinâmico e multimídia) devem-se a seu suporte de inscrição ótica ou magnética e a seu ambiente de consulta do tipo “interface amigável”, que se constitui assim:

- representação figurada, diagramática ou icônica das estruturas de informação e dos comandos (por oposição a representações codificadas ou abstratas);



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





- uso do “mouse” que permite ao usuário agir sobre o que ocorre na tela de forma intuitiva, sensoriomotora e não através do envio de uma sequência de caracteres alfanuméricos;
- os “menus” que mostram constantemente ao usuário as operações que ele pode realizar;
- a tela gráfica de alta resolução.

O PC é capaz de integrar essas possibilidades de forma notável, potencializando a faculdade humana da memória, com sua múltipla capacidade de representação em linguagens diversas. Através dele, e das suas características atuais, que incluem a portabilidade, tornou-se possível viajar no tempo e no espaço (mantendo-se a metáfora do autor) e acessar, com um clique, o produto da documentação seja ele uma informação ou uma obra de arte, em qualquer tempo e em qualquer espaço.

Esse produto, graças à mediação tecnológica, torna-se presente em formatos cada vez mais variados, em arquivos de texto, som e imagem cada vez mais diversificados e fiéis à representação inicial, não apenas na sua significação primitiva, mas integrado a um conjunto hipertextual e dinâmicos de sentidos onde forma, conteúdo, sintaxes e elementos variados compõem uma linguagem nova, hipermediática, ainda inexplorada em todas as suas potencialidades.

Em nossos dias, é possível definir hipertexto como um documento digital composto por diferentes blocos de informações interconectadas, as quais são amarradas por meio de elos associativos chamados links. Os links permitem que o usuário avance em sua leitura na ordem que desejar (...) o leitor percorre a trama textual de forma única e pessoal (Lucia Leão, 2005, p. 15-16).

Pierre Lévy (1993:33) postula que o hipertexto pode ser definido como:

“um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.”

Muitos autores afirmam que texto não é uma simples sequência de palavras escritas ou faladas, mas um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, cuja existência depende de que alguém o processe como tal.

Estendendo para o hipertexto esse postulado, podemos dizer que o hipertexto não é simples soma de textos, mas um texto aberto ou múltiplo que se constitui como um evento comunicativo a partir da realização de um percurso do leitor e da atualização de alguns textos em detrimento de inúmeros outros.

Cada texto, uma vez atualizado, torna-se centro, para, logo, descentralizar-se em decorrência da atualização de outro(s) texto(s). Nesse processo, cada leitura do hipertexto é uma leitura diferente, porque, dificilmente, o texto se mostrará duas vezes da mesma forma ao leitor. O texto atualizado é um evento e as condições em que ocorre são irrepetíveis.

No texto, há centro, começo e fim determinados pelo autor, e sua dinamicidade é constituída na perspectiva do leitor. O texto se torna um hipertexto para o leitor em termos das associações que este compuser, inclusive, de modo multissemiótico. Já no hipertexto, sem começo e fim previamente determinados pelo autor, é o leitor que constrói alternativas de leitura, a partir das sugestões dadas pelo autor nos links.

“Para confirmar a afirmação de que o hipertexto é a mais importante das características, basta fazermos algumas perguntas: – existe multimídia/convergência sem o hipertexto? – a interatividade, enquanto situação de navegação, ocorre sem o hipertexto? – é possível acessar os serviços referentes à memória, à atualização contínua e à personalização senão através do hipertexto? Para todas as questões, a resposta parece ser não. Aliás, cabe ainda uma outra pergunta: existe o webjornal sem o hipertexto? Também a resposta é não. Por mais arraigado aos formatos dos suportes anteriores, sempre o webjornal está inscrito sob a lógica hipertextual, utilizando-se dos recursos de textos fragmentados em lexias interconectados por links.” (MIELNICZUK, 2003, pp. 159-160)

1.1 OUTRA VISÃO: O HIPERTEXTO COOPERATIVO



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Na web existem ainda mecanismos que servem de guias de navegação. Muitos desses roteiros são traçados por grandes conglomerados, que, em certo sentido, aproximam-se do modelo massivo de delimitação do conteúdo disponível. Essa é a crítica feita por Lemos aos chamados “portais”. Conforme aponta, a palavra portal carrega consigo uma conotação mística de abertura – “como porta de passagem, como canal que nos abriria a outros mundos, a novos universos possíveis e impossíveis” – mas acaba promovendo um fechamento aos mesmos. Lemos então sentencia: “Portais currais configuram-se como estrutura de informação (conteúdo) que nos tratam como bois digitais forçados a passar por suas cercas para serem aprisionados em seus calabouços interativos”. Ou seja, os portais seriam vias definidas de forma hegemônica, que conduzem o internauta pelas páginas patrocinadas da empresa, com a pretensa intenção de poupar as pessoas de se “perderem” na rede (RECUERO, 2003).

A rigor, a web traz consigo uma nova possibilidade de acesso, permitindo aos internautas “navegarem” por entre as alternativas disponibilizadas. É justamente neste sentido que boa parte dos estudos sobre hipertexto costuma atribuir co-autoria a qualquer internauta que ao chegar em uma página com diversos links e trajetos potenciais escolhe seu próprio percurso de navegação (Landow, 1997). Não se pretende negar que a navegação em um hipertexto demanda a ativa escolha do interagente dos caminhos que quer seguir e que qualquer leitura subentende uma recriação particular do texto, a partir da historicidade singular de cada um. Porém, não é a “escrita” do percurso próprio em uma rede hipertextual pré-disposta, mas as modalidades de produção textual coletiva mediadas pelo computador que caracterizam o hipertexto cooperativo. Ou seja, a possibilidade de intervir no conteúdo, de sugerir novos links e abrir novos caminhos ainda não disponíveis no site. Ou seja, é possível autoria não apenas no que toca à leitura ou escolha entre alternativas pré-configuradas, mas fundamentalmente no que se refere à própria redação hipertextual.

Para tanto, parte-se da tipologia de hipertextos (desenvolvida por Primo, 2002) que toma como base a interação entre os interagentes. No hipertexto potencial os caminhos e



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





movimentos possíveis do internauta encontram previstos. Assim, apenas o internauta se modifica, permanecendo o hipertexto com sua redação original. No hipertexto cooperativo todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento (RECUERO, 2003).

Mark Bernstein, um dos criadores da conhecida ferramenta Storyspace (para a geração de ficções hipertextuais), comenta que muitas partes da web se apresentam como produtos acabados, por não sofrerem alterações (como livros e posters). Enquanto isso, outras páginas na rede são modificadas a todo momento, como sites de notícias, de informações mercadológicas ou esportivas, etc; weblogs, wikis, páginas comunitárias, entre outras. Tais páginas são, para o autor, exemplares de uma “web viva”. Ainda que o conceito não seja dos mais precisos (existe uma web que seja morta?), Bernstein chama a atenção para o fato que nem todo site apresenta uma atualização dinâmica. Enfim, os internautas deixam de ser simples “andarilhos” da web, percorrendo trilhas abertas antes de sua chegada e passam também a ser guias, podendo inclusive criar o próprio território e os caminhos que o entrecruzam.

2 MANOVICH E A LINGUAGEM DO HIPERTEXTO

“Uma linguagem híbrida capaz de se revigorar a partir da superação dicotômica dos interesses da tradição da oralidade e da escrita. (...) o hipertexto propicia um imaginário híbrido capaz de sustentar uma relação flexível entre os interesses sociais das tradições da oralidade e da escrita.” (Polyana Ferrari, 2007, p. 69)

No mundo contemporâneo podemos identificar que a sucessão da oralidade e da escrita para as novas formas de percepção do hipertexto, é um modo indicador de gerenciar o conhecimento, que não ocorre por uma simples substituição de modelos culturais.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





A concepção hipertextual de conceber as narrativas a partir da nova complexificação desloca o centro de circulação da informação para redes de significações discursivas.

Para Manovich, o cinema é uma rede de significação discursiva, o que o caracteriza como uma nova mídia. E sobre a ótica hipertextual, Manovich analisa o cinema na sua obra *A linguagem da nova mídia* como um ambiente favorável e de proliferação para a hipernarrativa.

O cinema, segundo Manovich é o espaço ideal para reconsiderar o uso da relação narrativa e banco de dados. Na definição de Manovich, narrativa ou hipernarrativa (numa analogia ao hipertexto) é aquela que resulta da soma de múltiplas trajetórias efetuadas através das bases de dados.

O usuário da hipernarrativa, explica ele, atravessa as bases de dados seguindo os links entre os registros, conforme estabelecido pelo criador da base de dados. Logo, a narrativa tradicional linear é uma entre muitas outras trajetórias possíveis, constituindo uma escolha particular dentro de uma hipernarrativa.

Segundo Manovich, a narrativa é construída pela linkagem, entre os elementos de uma base de dados em uma ordem particular, que define uma trajetória conduzindo elementos de um ponto para outro.

Num nível material, sustenta o autor, a narrativa é apenas um conjunto de links, pois os elementos em si permanecem armazenados em uma base de dados.

Para Lev Manovich, a base de dados que até então cumpria um papel implícito, adquire existência material (paradigma), enquanto a narrativa, de explícita, passa à condição de desmaterialidade (sintagma). O paradigma, portanto, é privilegiado sobre o sintagma. A narrativa se torna virtualizada e a base de dados passa a existir materialmente, ou seja, se torna real.

2.1 HIPERTEXTO, CINEMA E MEIOS DE COMUNICAÇÃO



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Um filme não apenas informa os dados antropológicos, a codificação dos costumes de uma determinada cultura, mas emociona, tanto quanto um telejornal, que documenta o fato cotidiano através da imagem tecnicamente composta, da linguagem clara e precisa e de uma sinergia entre elas e, talvez, uma trilha sonora, ou mesmo uma entonação de voz do locutor ou repórter, que vai transmitir a emoção por trás do fato.

Uma boa ideia para se pensar sobre essa possibilidade é lembrar aqueles que são considerados bons repórteres – na mídia escrita ou audiovisual – de cujos textos pode se depreender a cor, o som, o cheiro e as demais informações da vida real contida no fato noticiado. Esta é a natureza arte, associada à natureza informação, ambas contidas nos meios de comunicação, ou mídias, ou nas tecnologias da inteligência, segundo expressão cunhada por Pierre Lévy (1993), todas as quais têm em comum, segundo o autor, o poder de, mesmo tendo sido criadas pelo homem, moldar sua mente, moldando-lhe a forma de pensar e estruturar a comunicação.

Essas naturezas, em permanente sinergia e interconectadas pelas redes de sentidos hipertextuais, portanto, hipermidiáticas, são acessíveis hoje também através dos computadores a qualquer tempo/espço em que se instale um PC, em especial se estiver conectado à Internet, o que faz desses dois personagens do Século XX – mídia e computador – interfaces indissociáveis, aliados entre si e à disposição de quem puder e souber usá-los eficientemente para todos os fins.

3 HIPERTEXTO: LINGUAGEM E ESTRUTURA

“O hipertexto é um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras, etc. Dessa forma, as narrativas digitais superam as limitações da tradição da oralidade e da escrita, pois não buscam sentido em isolar ou fragmentar o sentido do texto ou do discurso, mas ao contrário, em ampliar a rede de significações.” (Pollyana Ferrari, 2007, p.74)



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





A estrutura do hipertexto não dá conta somente da comunicação. O hipertexto é talvez uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo.

Segundo LÉVY, (2006, p. 41), o hipertexto é

(...) dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode parecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra do parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso.(...)

É possível classificar a estrutura da atividade hipertextual em:

- **Actema** – unidade básica do hipertexto e corresponde ao ato de se seguir um link.
- **Episódio** – é o conjunto de actemas que criam certa coerência na mente do leitor. A desorientação no ciberespaço advém, em grande parte, do fato de ser ter perdido o fio do episódio.
- **Sessão** – compreende a atividade do leitor em sua continuidade, o período de tempo em que nos dedicamos a explorar um sistema hipertextual.

A fim de preservar as possibilidades de múltiplas interpretações do modelo do hipertexto, Pierre Lévi propõe caracterizá-lo através de seis princípios abstratos. (Lévy, 2006, p. 25-26)

1. Princípio de metamorfose - A rede hipertextual está em constante construção e renegociação. Ela pode permanecer estável durante certo tempo, mas esta estabilidade é em si mesma fruto de um trabalho. Sua extensão, sua composição e seu desenho estão permanentemente em jogo para os atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou de contexto, objetos técnicos, componentes destes objetos, etc.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





2. Princípio de heterogeneidade - Os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos. Na memória serão encontradas imagens sons, palavras, diversas sensações, modelos, etc. e as conexões serão lógicas, afetivas, etc. Na comunicação as mensagens serão multimídias, multimodais, analógicas, digitais, etc.
3. Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas - O hipertexto se organiza em um modo “fractal”, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como composto por toda uma rede, e assim , por diante, indefinidamente, ao longo da escala dos graus de precisão. Em algumas circunstâncias críticas, há efeitos que podem propagar-se de uma escala a outra.
4. Princípio de exterioridade - A rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e sua diminuição, sua composição e sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes, excitação de elementos terminais.
5. Princípio de topologia - Nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Neles, o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. Tudo que se desloca na rede deve utilizar-se dos hipertextos. A rede não está no espaço, ela é o espaço.
6. Princípio de mobilidade dos centros - A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, que saltam de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas por um instante esboçando um mapa qualquer, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens do sentido.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão que se trouxe neste artigo foi a de dar consciência aos operadores da Comunicação de todo o processo hipertextual do qual fazem parte e dentro do qual estão imersos ao trabalhar, estudar e até se divertir. O hipertexto faz parte da cultura hipermediática há pouco mais de 50 anos e hoje possibilita inúmeras viagens pela web, viagens guiadas pelos sistemas hegemônicos e viagens onde o próprio internauta é seu guia.

Os hipertextos possibilitam uma interação mundial no mundo simbólico sem antecedentes, mas que diversas vezes já se idealizou. Hoje, o trabalho jornalístico na web não acontece de outra forma a não ser pelas conexões hipertextuais. É possível realizar conexões com altíssimos graus de interatividade e intertextualidade.

Na linguagem hipertextual, um link pode levar – instantaneamente não apenas a outra informação (texto, imagem, infográfico, etc.), mas a outro rumo que poderá determinar a continuidade ou não do raciocínio iniciado, ou, o que acontece com frequência, instigar a curiosidade do navegador por informações diferentes daquelas que mobilizaram sua busca inicial. Caberá ao emissário/usuário/leitor/internauta – e não apenas ao seu autor/emissor – a responsabilidade pela construção de outras conexões e, em função disso, outras leituras, outros nexos, além daqueles que foram pensados e propostos pelo organizador da informação, além de outras escritas, isso sem cogitar-se no acaso, muitas vezes também planejado, das conexões criadas por softwares de busca em redes internas e na própria Internet.

Em se tratando de Manovich, o cinema é o espaço ideal para reconsiderar o uso da relação narrativa e banco de dados. Na definição de Manovich, narrativa ou hipernarrativa (numa analogia ao hipertexto) é aquela que resulta da soma de múltiplas trajetórias efetuadas



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





através das bases de dados. Segundo Manovich, a narrativa é construída pela linkagem, entre os elementos de uma base de dados em uma ordem particular, que define uma trajetória conduzindo elementos de um ponto para outro, ou seja hipertextos formam a trama textual que estrutura a linguagem e os roteiros cinematográficos, o que resulta em filmes extremamente enriquecidos de sentidos.

Hoje, o hipertexto retoma e transforma antigas interfaces da escrita, toma emprestado traços de várias outras mídias e se constitui numa rede original de interfaces.

5 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital em base de dados: Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia. Salvador-Bahia. 2007.

BUGAY, Edson. L. e ULBRICHT, Vânia. R. **Hipermídia**. Florianópolis. Bookstore, 2000.

FERRARI, Pollyana. **Hipertexto e hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo. Editora Contexto, 2007.

JONES, Quentin. **Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archeology - A Theoretical Outline**. In Journal of Computer Mediated Communication vol. 3 issue 3. December, 1997. On-line em <http://jcmc.huji.ac.il/vol3/issue3/jones.html>; Acesso em 16 ago. 2013.

LANDOW, G. P. **Hypertext 2.0: The convergence of contemporary critical theory and technology**. Baltimore: Johns Hopkins University, 1997.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia: Arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo. Editora Iluminuras LTDA, 2005.

LEMONS, A. **A Arte da Vida: Webcams e Diários Pessoais na Internet**. Revista Comunicação e Artes: a cultura das redes, p. 305 – 319, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro. Editora 34 Ltda, 2006.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

PRIMO, A. F. T. **A emergência das comunidades virtuais**. Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 1997.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





RECUERO, Raquel. **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia.** Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003. On-line em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3235/2496>. Acesso em 17 ago. 2013.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com

